

LORNA COOK

Prémio Melhor Nova Autora da Romantic Novelists' Association



Autora
Bestseller de:

*A VILA
ESQUECIDA*

A PROMESSA PROIBIDA

*Poderá uma promessa mudar o destino de duas
mulheres afastadas por décadas de vida?*

TOP
SEL
LER

*Para a minha mãe, o meu pai e o Luke.
Por serem família. Por estarem aqui. E só porque sim.*

Capítulo I

Casa de Invermoray, Escócia, finais de agosto de 1940

Por vezes, não são as grandes mentiras que trazem mais mudança, mas as pequenas mentiras inocentes. Embora Constance não tivesse maneira de o saber na altura, fingir uma enxaqueca para se escapar de casa naquela noite teria consequências duradouras.

Constance sentou-se na beira da grande rocha que se projetava sobre o lago e puxou o vestido de noite para cima, de uma forma que a mãe teria considerado muito pouco própria de uma senhora. Descalçou os sapatos de cetim e tirou as meias de seda, para mergulhar as pernas na água fria e aliviar os pés doridos de tanto dançar. Não precisava de ser discreta, pois o lago ficava tão longe da casa que ninguém conseguiria ouvi-la e, devido ao regime de *blackout* rigoroso a que a governanta aderira, também ninguém conseguiria vê-la.

Fechou os olhos e abriu-os quase imediatamente. A enxaqueca fora uma invenção, embora a banda estivesse a fazer uma barulheira cada vez maior à medida que os músicos e os convidados se entusiasmavam. Se aguçasse o ouvido, mesmo ali do lago conseguia ouvi-los a tocar. A necessidade de fugir à sua própria festa de aniversário, de fugir de Henry, apoderara-se dela a ponto de não lhe ocorrer outra forma de o fazer senão mentir.

Ao longo dos últimos meses, dera por si a gostar cada vez mais de Henry. Só recentemente conhecera o amigo do seu irmão Douglas e passara algum tempo com ele, quando ambos vinham a Invermoray nos seus raros dias de licença. Henry era poucos anos mais velho do que ela, e Constance admirava-o, idolatrava-o, e acabou por seguir o conselho

dos pais quando lhe sugeriram que ele poderia ser um bom partido. Era evidente que Henry gostava dela ou, pelo menos, ela assim acreditara. Constance julgara que ele seria diferente, não como os outros homens insinuantes e por vezes inconvenientes que conhecera, embora não tivessem sido assim tantos, tinha de o admitir. Mas, hoje, ele chocara-a enquanto dançavam, quando Constance se encostara a ele, contente com a proximidade. As mãos de Henry deslizaram-lhe pelas costas até pararem demasiado baixo, com as pontas dos dedos a roçarem-lhe no traseiro. Ela ficara tensa, alerta e, depois, ele apalpara-a. Constance tivera de recorrer a toda a sua coragem para lhe afastar gentilmente as mãos, quando se apercebera de que aquele comportamento era tudo menos romântico.

— Henry? — questionara, quando ele a puxara de novo para si. Ele sorrira como se não tivesse feito nada de mal, fazendo-a duvidar de si própria. Estaria ela a ser demasiado pudica? O vestido de seda prateada colava-se ao seu corpo enquanto dançava, e apanhara Henry a olhar-lhe para o peito por mais do que uma vez. Era óbvio que tinha dificuldades em ouvir o que ela dizia, em levantar os olhos para os dela. Constance começara a tagarelar para disfarçar o embaraço, a crescente sensação de desapontamento. Quando pedira licença para ir retocar a maquilhagem, sem perceber bem o que estava a acontecer e se deveria ou não permiti-lo, ele encurralara-a e puxara-a para a estufa das laranjeiras, que estava às escuras para que os aviões inimigos não vissem a luz entre os vidros.

Constance sabia que os homens tinham necessidades e não era ingénuo. Sabia quais eram essas necessidades e que papel se esperava que desempenhasse nelas. Embora tivesse sido educada para pensar que deveria guardar-se para o marido, havia muitas raparigas no seu colégio suíço que se vangloriavam alegremente de terem feito muito mais do que deveriam com o sexo oposto. Contudo, por mais que achasse que talvez viesse a desejar fazê-lo com Henry, não tinha a certeza. Ainda não. Não queria que ele perdesse o interesse nela, mas o que quer que estivesse a acontecer entre eles tinha de acalmar. Só mais algum tempo. Só até ela ter a certeza.

— Estás linda esta noite — dissera ele, com os olhos a deslizar pelo corpo dela.

E depois Henry beijara-a, os lábios a esmagarem os dela, as mãos a apertarem-lhe os ombros. Constance tentara passar os braços à volta da cintura dele, de olhos bem abertos, sem saber se estaria a reagir da maneira certa, insegura de até onde deveria deixar que aquilo avançasse. Ele fechara os olhos e puxara-a lentamente para o meio da estufa deserta, até que ela se vira encostada a uma enorme palmeira que a mãe cultivava há quase uma década.

O hálito a whisky de Henry cobrira-lhe a língua enquanto ele a beijava com mais força, mais depressa, e Constance não sabia se fora isso ou perceber que ele estava a levantar-lhe a saia que a deixara subitamente rígida.

— Henry! — repreendera-o, libertando-se dos braços dele. Tentara rir-se, desvalorizar o comportamento dele.

— Anda cá. — Henry estendera a mão. Com hesitação, ela colocara a sua mão na dele. Talvez fosse apenas o espírito de festa e um bocadinho de álcool a mais que tinham desencadeado nele aquele pequeno acesso de loucura. Talvez estivesse a perceber agora que a pressionara demasiado e quisesse recuar. — Não desejas isto há tanto tempo como eu? — perguntara ele, beijando-lhe o pescoço.

Constance sentira a desilusão apoderar-se dela. Seria possível que ele tivesse visto a forma como ela reagira e simplesmente a ignorara? Não sabia o que dizer. Até àquela noite, nunca vira este lado dele, e ficara confusa.

— Não sei — respondera, com franqueza. Estava tudo a acontecer depressa de mais, e não como ela imaginara. — Não sei se... assim... aqui?

— Não há ninguém por perto. Podemos arranjar um cantinho escuro. Aquele ali parece bom. Eu ponho o casaco por baixo, para não ficares em cima dos mosaicos frios. — A sugestão de cavalheirismo fora despropositada.

— Não, Henry, eu não...

— Se não sabes o que fazer, eu ensino-te. Anda, deita-te aqui.

— Não, Henry — dissera, então com mais firmeza. Finalmente sabia o que queria, e não era aquilo. — Não.

— Se tu me amasses... — dissera ele, irritado, deixando a sugestão suspensa no ar.

Nesse preciso momento, Constance percebera que não o amava. A delusão abatera-se sobre ela. Como era possível que tudo acabasse assim, de forma tão horrível?

Sem uma palavra, virara-se então, deixando Henry no meio da estufa e correndo até encontrar a segurança das outras pessoas no salão de baile.

Precisava de se afastar o mais que pudesse de Henry, para pensar. E, assim, mentira. *Uma enxaqueca tão forte que parecia que iria explodir-lhe a cabeça.* A mãe cederia perante o quadro que Constance pintava diante dos convidados e dera-lhe licença para sair — era quase meia-noite, e os convivas também não demorariam muito a partir. Mas, em vez de se dirigir ao quarto, Constance correria para o ar fresco da noite, passara pela fonte, contornara o jardim ornamental e descera em direção ao lago, à distância, onde sempre encontrara o seu refúgio de paz e calma. Nenhum convidado arriscaria a viagem pela escuridão até à beira da água, com medo de tropeçar no meio do *blackout* e morrer e perder o champanhe que os pais dela estavam a distribuir, parte das reservas cuidadosamente controladas que tinham na adega por baixo da casa. Constance estava totalmente sozinha.

Com os pés a baloiçar na água fria, olhou para trás e conseguiu vislumbrar os contornos da mansão baronial no meio da escuridão. Lá dentro, cerca de 50 dos amigos mais chegados dos pais, e praticamente nenhum dos dela, continuavam a festejar o aniversário de Constance, indiferentes à ausência dela e ainda mais à guerra que grassava fora da Casa de Invermoray.

Não foi o som distante da banda a tocar que lhe chamou de súbito a atenção, mas um outro som que a fez erguer o olhar para o céu. Uma nuvem baixa e cinzenta escondia algo que ela sentia a aproximar-se no céu negro da noite.

Constance demorou alguns segundos a perceber que estava a ouvir o som do motor de um *Spitfire*. Porém, ao contrário do habitual ronronar constante, o avião soluçava e chiava como se estivesse a esforçar-se por respirar. Viu o seu contorno delineado na escuridão do céu e da sombra negra da floresta no horizonte, enquanto o avião caía. O motor silenciou-se

quase por completo antes de ganhar de novo vida e, depois, voltou a morrer e as hélices abrandaram até se imobilizarem. E Constance percebeu que o piloto devia estar ainda lá dentro, a tentar ligar o motor, em vez de fazer a coisa mais sensata, que seria ejetar-se e abrir o paraquedas até pousar em segurança. Talvez, no meio do *blackout*, ele não fizesse ideia de como estava perto do solo.

Enquanto a aeronave descia cada vez mais, Constance percebeu que iria despenhar-se e levantou-se apressadamente, desviando-se sobre a rocha projetada sobre a água, com receio de que o avião se inclinasse de repente na direção dela. Mas não foi o que aconteceu.

O *Spitfire* passou à sua frente e atingiu a água num ângulo assustador. Constance teve a certeza de que uma das asas fora arrancada com o impacto, projetando um lençol de água pelos ares. Instintivamente, virou-se para evitar os salpicos. Depois de perder a asa, o avião girou e rodopiou sobre a água até Constance já não saber se estava virado para cima ou para baixo. Onde estaria o piloto? Foram precisos apenas alguns segundos para o peso da água encher a aeronave, que desapareceu abaixo da superfície, com um gorgolejar sinistro. A água acalmou-se e ficou lisa como se ele nunca ali tivesse estado. Não havia sinal do piloto. Não se ouvia qualquer som que indicasse que ele estava a nadar para a margem na escuridão. A falsa maré do acidente chapinhou contra a rocha.

Constance ficou ali parada, a tremer, de olhos arregalados, a respiração acelerada, as mãos ainda a segurar os sapatos e as meias. Sabia que tinha de fazer alguma coisa, mas o seu corpo recusava-se a responder ao impulso. Ficou pregada ao chão, a olhar para o sítio onde o avião desaparecera debaixo de água. Sentia-se dividida. Se corresse de volta a casa para pedir ajuda, seria tarde de mais. Se não fizesse nada, ele morreria numa questão de minutos, se não estivesse já morto. Tinha de salvar o piloto.

Com um esforço consciente para se mexer, Constance desceu da rocha para a água, ferindo a perna numa aresta ao fazê-lo. Nem sentiu a dor, ou o sangue que lhe escorria pelo tornozelo e se misturava com a água, tal era a sua necessidade de alcançar o piloto em dificuldades, que ela imaginava a debater-se desesperadamente com os cintos

de segurança e os fechos do *cockpit*. Com o vestido de seda a colar-se às pernas, avançou o mais depressa que pôde pela água na direção do local onde o avião se afundara.

Dentro de casa, o relógio de pé no vestíbulo bateu a meia-noite e a banda continuou a tocar para os convidados que se divertiam, alheios aos eventos no exterior. Brindou-se a Constance, agora que chegava ao fim o dia do seu vigésimo primeiro aniversário. *Uma pena que ela se tenha sentido mal. Se calhar, bebeu demasiado champanhe. Fez bem em ir deitar-se.* Daí a pouco, a banda pararia de tocar, os convidados dispersar-se-iam — todos tinham poupado cuidadosamente senhas de gasolina suficientes para regressarem a casa nas propriedades vizinhas — e, depois, a governanta daria início ao ritual de fechar a Casa de Invermoray por essa noite.

Quando a água lhe chegou à cintura, Constance levantou os pés do cascalho no leito do lago e largou os sapatos e as meias, que flutuaram atrás dela quando começou a nadar nas águas escuras.

Capítulo 2

Escócia, agosto de 2020

Kate nunca deveria ter recusado a oferta de um sistema de navegação por satélite para o carro alugado. Até tinham um desconto promocional no balcão da empresa de aluguer de automóveis, no aeroporto, mas ela, com alguma arrogância, mostrara o telemóvel à funcionária e explicara que já instalara uma aplicação de GPS gratuita.

Porém, o sinal de rede desaparecera há muito tempo e, com o território que atravessava a parecer cada vez mais ermo, Kate calculou que os dados do telemóvel não voltariam tão cedo. Parou o pequeno automóvel na berma da estrada e olhou em volta, à procura de sinal de vida. Qualquer tipo de sinal seria bem-vindo, na verdade. Não se lembrava de há quanto tempo estava na longa estrada secundária quando olhara para o telemóvel e vira que a aplicação estava parada. Quando teria deixado de funcionar? A última aldeia por que passara fora pelo menos dez minutos antes, e nem sequer se lembrava do nome.

Com o sol a baixar no céu, Kate abriu o mapa em cima do capô e procurou alguma coisa familiar. Felizmente, alguém na empresa de aluguer se lembrara de pôr um mapa no porta-luvas. Iria chegar muito mais tarde do que esperara. Seria uma péssima primeira impressão, chegar ao seu novo emprego ao cair da noite. Seria impossível orientar-se depois de escurecer, pelo que não lhe restava outra escolha senão continuar pela mesma estrada, na esperança de que a levasse até à civilização, a um sítio onde tivesse rede de dados no telemóvel. *Estas coisas nunca acontecem em Londres*, pensou. Embora Londres fosse o último sítio onde queria estar naquele momento. Olhou para um lado e para o outro da estrada

deserta. Bem, andava à procura de paz e sossego. Mas talvez aquilo fosse sossego a mais.

Dobrou o mapa o melhor que conseguiu, mas não foi muito bem-sucedida e conseguiu fazer dobras onde não havia dobra nenhuma segundos antes. Ligou o carro e arrancou, com o telemóvel numa mão, a olhar para baixo de vez em quando, de forma algo perigosa, e a reiniciar a aplicação de poucos em poucos minutos. Sem sucesso. Tinha de desligar e voltar a ligar o telemóvel, numa última tentativa desesperada. Olhou para baixo enquanto pressionava o botão os longos segundos necessários para este lhe dar a opção de confirmar que queria mesmo desligar o aparelho.

Quando ergueu o olhar, soltou um grito. Estava um homem parado na estrada, virado para ela, com a boca aberta numa expressão de horror, enquanto o carro de Kate avançava em direção a ele. O que estava aquele tipo a fazer no meio da estrada? Ele levantou as mãos para proteger o rosto. No último segundo, Kate largou o telemóvel, guinou rapidamente para o evitar e pisou o travão. O carro deslizou pela estrada até ficar na faixa dos carros que vinham em sentido contrário — isto se houvesse algum outro veículo naquela zona de campo inóspita. O carro alugado parou por fim, de lado, virado para uma fila de pinheiros altos à beira da estrada.

Kate não conseguia mexer-se. Os nós dos seus dedos estavam brancos; as unhas tinham-se cravado nas palmas das mãos ao apertar o volante. Obrigou-se a olhar para o espelho retrovisor, para ver se o homem ainda estava vivo. E não o viu. Mas não lhe acertara. Ou tê-lo-ia atingido? Não tinha a certeza de nada.

— Oh, meu Deus. Onde é que ele está? — Com as mãos a tremer, Kate soltou os dedos do volante e tirou o cinto de segurança. Quando ia abrir a porta, foi poupada a esse trabalho pelo homem, que a abriu de rompante e olhou com ar furioso para Kate.

Chocada, ela encostou-se ao banco. O homem tinha o maxilar contraído e parecia ter dificuldade em falar.

— Graças a Deus, está vivo — disse ela com voz trémula, sentindo o coração ainda aos saltos no peito.

Ele recuou e deu-lhe espaço para sair do carro.

— Mas não graças a si.

— Desculpe. — Kate saiu e ficou parada diante dele, com as pernas a tremer.

— Quase me matou.

— Desculpe. Lamento muito. Está ferido?

— Não — ripostou o homem, com maus modos. Depois, acrescentou: — E você?

— Não, estou bem.

O desconhecido olhou por cima do ombro dela para o mapa amachucado no banco do passageiro. Kate fitou-o, esperando que ele estivesse a acalmar-se. Parecia ser mais ou menos da idade dela, 20 e muitos anos, com cabelo castanho e olhos da mesma cor. Estava vestido da cabeça aos pés com equipamento de corrida, com faixas de fita amarela fluorescente nos pulsos e pernas. Com tal equipamento, Kate deveria tê-lo visto, mas estava distraída com...

— Estava a olhar para o telemóvel? — perguntou ele, fitando-a diretamente sem pestanejar. — Vinha a mandar mensagens enquanto conduzia?

— Eu... Não... Claro que não.

Ele enfiou-se no carro, apoiou o joelho no banco e inclinou-se para apanhar o telemóvel.

— Ei, o que está a fazer? — perguntou ela.

O homem tocou algumas vezes no ecrã com a ponta do dedo, mas, felizmente, o telemóvel estava desligado.

— Quase seria capaz de jurar que... — Entregou-lhe o telemóvel, sem terminar a frase. — De qualquer forma, tem de tirar o carro daí. Está parada numa posição perigosa. — Olhou de um lado para o outro da estrada vazia.

Kate assentiu com a cabeça, mas não se moveu, preocupada por ter violado a lei e quase matado alguém ao fazê-lo.

— Consegue tratar disso ou quer que eu o faça? — Olhou para Kate como se ela fosse idiota.

— Eu... você... eu consigo. Não me importo.

Ele arqueou uma sobrancelha e lançou-lhe um olhar que deixava bem claro que a considerava de facto uma idiota.

— Não se importa? Céus, isso é mesmo... — Abanou a cabeça, incrédulo, recuou e cruzou os braços. Kate não estava em condições de conduzir, mas entrou no carro e conseguiu endireitá-lo e encostá-lo na berma de terra. Ligou os quatro piscas, uma vez que continuava do lado errado da estrada. E, depois, ficou sem saber o que fazer. O homem ainda ali estava. Com certeza que aquele era o momento em que cada um iria à sua vida, mas ele parecia estar à espera de alguma coisa.

Kate voltou a sair do carro e ficou parada, atrapalhada, ao lado da porta aberta. Nunca estivera envolvida num acidente, não que aquilo tivesse sido *realmente* um acidente, mas a maneira como aquele homem a fitava fê-la pensar que, caso decidisse arrancar, teria a polícia atrás de si dali a poucos minutos.

— Então, o que é que acontece agora? — arriscou.

— Como assim? — Ele parecia perplexo.

— Temos de... hã... trocar os nossos dados?

Ele voltou a semicerrar os olhos.

— Por que raio haveríamos de fazer isso?

Kate sentiu-se ficar pequenina.

— Não sei. — Foi tudo o que conseguiu dizer em voz fraca. Estava ansiosa por voltar a entrar no carro, embora estivesse tão abalada que, para ser franca, nem sabia se conseguiria conduzir, mas tudo era melhor do que continuar ali com aquele homem.

— Não precisamos de fazer nada — disse ele.

— Está bem — concordou Kate.

Ele continuava de braços cruzados.

Kate abriu a boca para pedir novamente desculpa, mas ele cortou-lhe a palavra. Olhou para o telemóvel, que tinha preso a uma faixa à volta do pulso.

— Que lhe sirva de lição. — Pôs os auriculares nos ouvidos, mexeu no telemóvel, deu meia-volta e afastou-se em passo de corrida.

Kate ficou a olhar para ele e, depois de o ver desaparecer na curva, encostou-se ao carro e respirou fundo, aliviada por ele se ter ido embora.

Que lhe sirva de lição? Que presunçoso. O que queria dizer com aquilo? Fosse como fosse, deu graças por ele não tencionar apresentar queixa e por não ter de voltar a vê-lo. Olhou para a curva onde ele desaparecera.

— Que filho da mãe...

Teve vontade de chorar. O que estava a fazer ali, afinal?

Capítulo 3

Kate entrou no carro e apanhou a mala, que caíra para o chão diante do banco do passageiro. Tirou dela o pequeno maço de cartões de boa sorte e releu o seu preferido, o da sua melhor amiga, Jenny. À frente, tinha uma fotografia de Kate a levar à boca uma garrafa de champanhe vazia, com uma expressão estúpida mas feliz no rosto. A foto tinha apenas alguns meses, mas lembrar-se dos festejos do dia em que fora promovida a diretora de Relações Públicas ainda a fazia sorrir.

No interior, o cartão não tinha a habitual mensagem de «boa sorte». Em vez disso, dizia: «De um desafio embriagado ao pior pesadelo. Dá cabo deles.»

Oh, meu Deus, o desafio, pensou Kate. O que lhe passara pela cabeça para vir de tão longe, por um capricho e na sequência de um desafio? Não podia pôr as culpas todas em Jenny. Jenny não tinha culpa de Kate estar, pura e simplesmente, farta. Estava convencida de que gritaria se tivesse de promover mais alguma inauguração de um bar com uma lista de convidados medíocre cheia de modelos da lista Z e mulheres de futebolistas que a tratavam como lixo. Por que raio os quase famosos pensavam que podiam falar com ela e com as colegas dela como se fossem sopeiras? E depois, quando uma dessas mulheres a acusara de se atirar ao marido... Bem, as repercussões tinham sido insuportáveis. Se paras-se para pensar nisso, Kate sabia muito bem por que razão estava ali. Precisava de reconstruir a sua reputação, longe do brilho claustrofóbico de Londres, do seu escritório, dos colegas, de toda a gente que sabia a situação horrível em que ela se envolvera nessa noite. A vergonha da

acusação fora o que a empurrara para ali, para tão longe quanto podia. Depois da indignidade e da humilhação do aviso formal que recebera no trabalho no dia seguinte, Jenny, embriagada, candidatara-a online a dois empregos.

— Sempre quiseste viajar mais — dissera Jenny, com a voz entarame-lada, enquanto abria um site de empregos no seu computador portátil. — De uma ponta à outra da Grã-Bretanha. Desafio-te. Para onde é que gostavas de ir?

— Qualquer lado, qualquer lado, preenche o raio do formulário, anexa o meu CV e envia. Até pode ser em Tombuctu, tanto me faz. Desde que nunca mais tenha de lidar com uma concorrente de um *reality show* bêbeda a sair do bar para as lentes dos *paparazzi* previamente avisados, pode ser onde quiseres — declarara Kate.

Jenny enviara a candidatura, brindaram e Kate nunca mais se lembrara de tal coisa. Até que, uma semana depois, recebera um e-mail de rejeição de um hotel na Cornualha. Pelos vistos, não tinha experiência suficiente na promoção de pratos regionais e nem sequer chegara à fase das entrevistas. Sentira uma leve pontada de pesar pela perda de um emprego que nem sabia que existia antes desse preciso momento. E isso deixara-a a pensar: talvez uma mudança de cenário fosse mesmo aquilo de que precisava. Nunca mais ter de entrar num bar horrível. Nunca mais ter de aturar celebridades. Uma oportunidade de começar de novo, com a reputação intacta.

Assim, quando a segunda candidatura dera frutos, e a proprietária da Casa de Invermoray, na Escócia, entrevistara Kate num telefonema de uma hora e, no final da conversa, lhe oferecera o lugar, ela ficara dois minutos aos saltos de alegria.

— Não temos muitos hóspedes — dissera ela a Kate. — E é precisamente com isso que esperamos que possa ajudar-nos, claro está. Estamos muito longe de tudo, aqui em cima.

— Parece-me perfeito. — Kate sentira-se triunfante, ao saber que em breve estaria longe do trabalho de Relações Públicas. Nem sequer tinha uma relação que a prendesse a Londres. Estava solteira há cerca de um ano e muito satisfeita assim. — Aceito.

Mas agora era outra história. Perdida e com a noite a aproximar-se, Kate nunca se sentira tão sozinha.

Quando finalmente encontrou a Casa de Invermoray, depois de conseguir pôr o GPS a funcionar, a mansão estava banhada pela luz do crepúsculo. Kate aproximou-se pelo longo caminho de acesso e parou no largo de gravilha em frente da casa. As suas sobranceiras arquearam-se involuntariamente ao ver a grandiosidade do edifício, maravilhada ao perceber que, apesar de ser designada de casa, era na realidade mais um castelo. Quando parou o carro, os faróis iluminaram a casa baronial com uma luz amarela e quente.

Kate mal tivera tempo de tirar as malas da bagageira quando a grande porta de madeira se abriu e uma senhora na casa dos 60 anos saiu e se dirigiu a ela.

— Posso ajudá-la? — Tinha um olhar bondoso e sorridente, e o cabelo castanho, liso, pelos ombros.

Kate reconheceu-lhe a voz.

— Peço desculpa por chegar tão tarde. Deve ser a Sra. Langley-McLay.

— Sim, minha querida. — Ela olhou para as malas de Kate. — E você é a Kate, não é?

Kate fez que sim com a cabeça e a Sra. Langley-McLay franziu o sobrolho.

— Nesse caso, não está atrasada, minha querida. Chegou um dia mais cedo.

Kate abriu a boca.

— O quê? Não pode ser.

A mulher riu-se.

— Combinámos que começaria a trabalhar amanhã, pelo que parti do princípio de que *chegaria* amanhã.

— Ah... mas eu pensei que... — Kate não terminou a frase.

— Bem... — A Sra. Langley-McLay aproximou-se para a ajudar com as malas. — Um bocadinho de entusiasmo não faz mal nenhum. Traga a outra mala e vamos entrar. Deve precisar de um chá e de descansar um

pouco depois de uma viagem tão longa. Depois, logo a instalamos no seu quarto. Ou talvez prefira um gin tónico? Eu ia tomar um antes de jantar.

— Seria maravilhoso, Sra. Langley-Mc...

— Oh, trate-me por Liz, caso contrário é um palavrão enorme. — Liz pousou a mala de Kate ao fundo das escadas de mogno trabalhadas e fez sinal a Kate para deixar a outra ali também.

Depois, conduziu-a pelo vestíbulo de mosaicos pretos e brancos, com um lume reconfortante numa grande lareira de pedra. Apesar de estarem a meio do verão, o ar arrefecia com o cair da noite. Liz abrandou e espreitou para dentro de uma divisão.

— Oh, ótimo, ele não está cá — murmurou entre dentes.

— Quem? — quis saber Kate, enquanto seguia Liz até à biblioteca. Era, talvez, a sala mais grandiosa que Kate alguma vez vira. Filas e filas de livros com encadernações de cabedal enchiam as estantes altas, que cobriam as paredes até ao teto. Kate viu uma escada de madeira com rodas encostada a uma das estantes e, por um instante, sentiu o impulso infantil de saltar para cima dela e deslizar à volta da sala.

— Não se preocupe com isso, para já. Vamos lá arranjar uma bebida para nós, que me diz? «Coragem líquida», como se costuma dizer.

Kate perguntou a si própria por que diabo Liz precisaria de «coragem líquida», mas a outra mulher mudou de assunto e perguntou a Kate como corra a viagem, antes de começar a falar em trabalho.

— Há já algum tempo que precisamos de alguém como a Kate. — Liz dirigiu-se a um carrinho de bebidas e tirou a tampa do balde de gelo. Deitou vários cubos em dois copos largos de vidro lapidado. — Estamos num estado lastimável, como lhe expliquei ao telefone, pelo que a Kate terá de ser um bocado pau para toda a obra enquanto isto arranca. — Fez sinal a Kate para se sentar num dos dois sofás Knole de veludo vermelho, e ela instalou-se no que estava mais perto de Liz, de costas para a porta. Os sofás estavam puídos, com partes do enchimento a sair, e o cordão que cobria as costuras nas costas e que, em tempos, fora dourado, estava totalmente esgaçado. Era um forte contraste com os livros de capas de cabedal e a enorme secretária de madeira posicionada junto às portadas e que, embora fosse antiga, parecia nova.

— Temos apenas um probleminha com a sua chegada antecipada. Mas não é nada que não se resolva, tenho a certeza. Ele é capaz de ficar irritado ao princípio, mas é um daqueles cães que ladram mas não mordem.

Kate pestanejou e aceitou a bebida que Liz lhe estendia.

— O seu marido?

— Credo, não. O meu pobre marido faleceu há um ano. Não, o meu filho. Mas não se preocupe, tenho a certeza de que ele acabará por aceitar.

— O seu filho?

Liz assentiu e sentou-se no sofá em frente de Kate. Esta, desconfiada de que Liz não iria desenvolver o assunto, insistiu:

— Aceitar o quê?

— A si, minha querida, claro.

— A mim? Porquê? Por ter chegado um dia mais cedo?

Liz soltou uma gargalhada, mas era um riso nervoso e os seus olhos desviaram-se para o vestíbulo quando ouviram a porta da rua a bater.

— Por estar aqui.

Kate ficou tensa e Liz continuou:

— Sabe, ainda não tive oportunidade de lhe dizer que a contratei. Estava a pensar fazê-lo hoje, ao jantar. — Ouviram-se passos nos mosaicos do vestíbulo, a aproximarem-se da biblioteca. Liz falou mais depressa: — Estávamos a precisar muito de ajuda e ele recusava-se terminantemente a pensar sequer em contratar alguém. Diz que não temos dinheiro para isso, o que é um disparate. A Kate é um investimento, claro está. Mas ele é capaz de perder a cabeça quando a vir aqui. Tem uns modos terríveis. Bem... já vai ver.

Kate ouviu os passos pararem.

— Bem me parecia que tinha ouvido vozes — disse uma voz de homem à porta da biblioteca.

Kate ficou gelada.

— James — disse Liz —, quero apresentar-te a Kate.

Kate levantou-se e virou-se lentamente para o recém-chegado. Mas, antes de o ver, já sabia quem ele era. Quando se virou para ele, com um sorriso educado mas nervoso, viu uma expressão de reconhecimento

invadir-lhe o rosto e o sorriso desaparecer. James tinha a mão levantada para a cumprimentar, mas baixou-a.

— A Kate está aqui para... — começou Liz.

— Para acabar comigo de vez? — interrompeu James.

Liz olhou de um para o outro, claramente confusa. Kate sentiu vontade de morrer.

— Já nos conhecemos — continuou James. — Há coisa de uma hora. Penso que é justo dizer que a Kate não sabe conduzir.

— Não é justo — balbuciou Kate. — Você estava do lado errado da estrada. Estava no *meio* da estrada.

— Mas é claro que eu não estava no *meio* da estrada. E os peões *devem* deslocar-se no sentido contrário ao trânsito.

Ela ficou em silêncio.

— E você estava a mandar mensagens — concluiu James, para pôr um ponto final no assunto.

— Não estava a mandar mensagens — replicou Kate, com sinceridade.

— Oh, valha-me Deus — explodiu James. — É por isso que aqui está? Seguiu-me? Para ver onde vivo? Está a pensar extorquir-me dinheiro, acusar-me de... de quê, exatamente? Bem, aviso-a já de que não temos onde cair mortos, pelo que não perca o seu tempo.

— James... — A mãe pousou-lhe a mão no braço para o silenciar. — Já chega, por favor. A Kate não está aqui por causa disso. Está aqui porque nós a contratámos. *Eu* contratei-a.

James virou-se devagar e olhou para a mãe.

— Fizeste o *quê*? — O seu tom era ameaçador, mas Kate ficou aliviada ao ver que Liz não desviava os olhos dos do filho, claramente habituada a defender a sua posição.

— Parece-me que seria melhor discutirmos este assunto lá fora, não achas? — Era uma pergunta retórica, pois, sem esperar por resposta, Liz saiu da sala com um passo decidido. James olhou para Kate e ela sorriu debilmente, embaraçada. Ele abanou a cabeça, incrédulo, e seguiu a mãe, fechando a porta da biblioteca ao sair.

Kate tinha todo o corpo tenso. Não queria acreditar naquilo. Fora contratada, embora, a bem da verdade, sem qualquer contrato formal.

Subarrendara o seu apartamento ao irmão, por amor de Deus. Não podia voltar para Londres agora, de rabo entre as pernas, no primeiro dia do novo emprego. E se James levasse a melhor sobre Liz e a mandasse embora, algo que estava obviamente com vontade de fazer? Para onde iria ela, àquelas horas da noite? Havia um *pub* ao fundo da estrada. Talvez tivessem quartos, embora ali, no meio de nenhures, Kate duvidasse de que houvesse necessidade de um *pub* com quartos para alugar. Deixou-se cair de novo no sofá fundo, atrapalhada, e tentou não ouvir a discussão em vozes abafadas do outro lado da porta.

As frases que conseguia apanhar eram no tom ribombante de James.

Não temos dinheiro... Não podemos pagar-lhe... Não precisamos de ajuda...

Consigo tratar disto sozinho...

Suspirou alto enquanto ouvia James a não lidar nada bem com a situação. Não podia fazer nada. Tinha de aguardar o seu destino. Kate olhou em volta para a arte surpreendentemente moderna nas paredes e, depois, viu um grande livro aberto em cima de uma mesa em frente de uma das estantes. Aproximou-se, mais para ter como ocupar a sua energia nervosa do que por verdadeiro interesse. Era uma Bíblia antiga, com as páginas finas como papel de seda sob os seus dedos. Kate nunca fora muito religiosa e, depois de ler as primeiras linhas da página aberta, fechou cuidadosamente o pesado livro, para ver a capa. As letras do título tinham desbotado, mas ainda se percebia que, em tempos, haviam sido douradas. A capa de cabedal preto estava a desfazer-se em alguns sítios, especialmente na lombada, os fios à mostra sob o material puído. Olhou em volta — puído parecia ser um aspeto muito presente naquela divisão. Kate abriu lentamente a capa e, com cuidado, virou algumas folhas até chegar a uma página que dizia *Registo de Família*. Tentando esquecer a discussão lá fora, mergulhou no que deveria ser a Bíblia da família Langley-McLay.

Os nomes dos membros da família variavam na cor, a tinta dos mais antigos agora de um tom sépia desbotado, os mais recentes ainda negros. As datas começavam no início do século XIX e a caligrafia inclinada e floreada mudava à medida que cada nome era registado ao lado da sua data de nascimento.

Kate pensou nas gerações de crianças que tinham nascido, crescido, casado e partido para outras paragens, que tinham ido para a guerra e morrido, que tinham vivido e herdado aquela Bíblia antes de a passarem ao próximo. Olhou para a segunda página, em que as datas passavam pela Primeira Guerra Mundial. Uma criança nascera pouco depois da guerra: Constance Amelia Rose McLay, nascida em agosto de 1919.

No entanto, aquilo que lhe chamou a atenção para este registo, no meio de todos os outros, foi o traço a tinta preta que cobria todo o nome. Quem riscara a entrada dela fizera-o com tamanha violência que o aparo da caneta de tinta permanente perfurara várias folhas.

O primeiro pensamento de Kate foi que alguém o fizera quando Constance morrera. Mas nenhuma das pessoas na lista tinha uma data de morte — apenas de nascimento — e nenhum dos outros nomes fora riscado.

Constance Amelia Rose McLay era a única que fora eliminada. De súbito, Kate estremeceu e olhou em volta. Desejou estar em qualquer outro lugar que não ali. Enquanto Liz falava em tom cortante com o filho do outro lado da porta, Kate voltou a olhar para o nome.

Passou lentamente o dedo sobre o corte fundo que a caneta fizera e perguntou a si própria que crime teria Constance McLay cometido, para ver o seu nome removido de forma tão intencional e violenta da história da família.

Capítulo 4

1940

O som do *Spitfire* a cair não era nada comparado com o gorgolejar horrendo que se ergueu da água quando esta sugou o avião para as suas profundezas negras. O assobio da deslocação do ar causada pelo avião em queda fora súbito. E agora não se ouvia mais nada, senão o som da ondulação à volta de Constance, antes de um silêncio sinistro se abater sobre o lago.

Constance nadou o mais depressa que conseguia em direção ao centro do lago e fez uma pausa para escutar, perceber se havia algum som que indicasse que o piloto ainda estava vivo. Puxou o vestido para cima para conseguir bater as pernas mais depressa.

Estava morto. Só poderia estar. Com certeza que já estava debaixo de água há demasiado tempo. Desejou que as nuvens se afastassem e deixassem a lua lançar um pouco de luz sobre as águas escuras.

Gritou, embora sem grande esperança:

— Onde é que está?

Constance afastou do rosto o cabelo castanho molhado para ver, embora estivesse demasiado escuro para conseguir orientar-se. O penteado que demorara tanto tempo a fazer estava agora desfeito, com as madeixas molhadas a colarem-se ao seu rosto.

— Onde é que está? — chamou de novo. Insensatamente, achou que se gritasse alto o suficiente conseguiria arrancá-lo das profundezas geladas.

Nas trevas, à sua esquerda, algo quebrou o silêncio. Um chapinhar sonoro quando ele rompeu a superfície de forma súbita e violenta. Estava

à tona de água, mas em dificuldades, a debater-se e a inspirar desesperadamente golfadas de ar.

Constance gritou-lhe que iria ajudá-lo, mas o piloto estava a alguma distância e ela não sabia se ele conseguia ouvi-la. Parecia incapaz de responder, a respiração esforçada transformou-se num ataque de tosse, enquanto expelia a água dos pulmões.

Nadou na direção do som, continuando a falar para tentar tranquilizá-lo. Quando se aproximou, ele praguejou, sobressaltado ao vê-la. Parecia estar a lutar consigo próprio.

— Está tudo bem? — perguntou Constance. — Consegue nadar?

— Sim. Não — disse ele, ofegante. — Ajude-me. Isto está a afundar-me. — Tentava despir o blusão de cabedal e, no seu pânico, ficara com os braços presos no material molhado. Constance chegou junto dele e deu às pernas enquanto o ajudava a tirar o pesado blusão de voo. Quando ficou com ele nos braços, o peso começou a puxá-la para baixo e teve de bater com as pernas mais depressa para não ir ao fundo.

Enquanto tentava descalçar as botas cheias de água, ele viu que ela se debatia com o blusão.

— Largue-o! — gritou-lhe.

Constance nem sabia porque ainda estava a segurar o blusão, mas largou o peso. Tal como o avião, desapareceu debaixo de água.

O pânico dele parecia estar a intensificar-se enquanto lutava com as botas. Constance tentou acalmá-lo.

— Tenha calma. A margem não é longe — disse-lhe. — Tem de nadar.

O piloto seguiu-a. Constance conseguia ouvir-lhe a respiração irregular, interrompida ocasionalmente pela tosse, enquanto se esforçava por nadar com as botas cheias de água. A paixão de Constance por nadar no lago desvanecera-se quando chegara aos 13 anos e Douglas já não estava tanto tempo em casa para partilhar a diversão com ela, mas ainda conhecia o lago como a palma da sua mão. Estavam a dirigir-se em sentido contrário à casa, para a margem oposta do lago, onde havia um pontão de madeira sobre a água. Essa margem era mais próxima e, depois de tudo por que o piloto passara, Constance achava que ele não conseguiria chegar a terra se tivessem voltado para trás.

Abrandou o ritmo, para nadar ao lado do homem exausto, preparada para o agarrar se ele desistisse. Mas ele continuou. Só perguntou uma vez a que distância ficava a margem e, poucos minutos depois, Constance sentiu seixos e pedras pontiagudas sob os pés descalços.

Virou-se para lhe dar a mão, para o retirar do lago. Debilitado por aquele suplício, ele aceitou-a de boa vontade, tropeçou na margem e, a seguir, deixou-se cair no chão e, de gatas, saiu da água. Ficou deitado de barriga para baixo, com o rosto virado para o outro lado, ofegante.

Exausta, não do esforço de nadar, mas do pânico, Constance tombou ao lado dele. Só depois de parar um instante é que se apercebeu de como estava gelada e começou a tiritar. Apertou os braços nus à volta do corpo, mas de pouco adiantava, com as roupas molhadas. O piloto virou-se para ela, com os olhos esbugalhados do choque, e depois olhou em volta, tentando perceber onde estava. Constance mal conseguia vislumbrar-lhe o rosto na escuridão. Ele tinha o cabelo molhado meio caído sobre os olhos, que fixara agora no rosto dela.

Quando por fim recuperou o fôlego, perguntou:

— De onde é que você apareceu?

Constance levantou a mão e apontou para o outro lado do lago.

— Da casa. Mas já estava à beira do lago.

Ele assentiu com a cabeça e olhou na direção para onde ela apontava. Mas a Casa de Invermoray, no meio do *blackout* e tão distante, era invisível.

— Estava sozinha?

— À beira de água, sim. — Estremeceu.

— Está gelada — disse ele, e, com esforço, ergueu-se de novo sobre as mãos e os joelhos, e sentou-se.

— Sim — admitiu ela. — Você não?

— Suponho que sim.

— Temos de nos secar — disse Constance, levantando-se. O tecido fino do vestido colou-se-lhe à pele molhada. Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

— Onde? Naquela casa? — inquiriu ele. — Não vou voltar a entrar na água para lá chegar.

— É demasiado longe para dar a volta ao lago agora — disse ela, a tremer. Pensou o mais depressa que conseguia. — Há uma casa da propriedade que está vazia. E fica mais perto. Se conseguir caminhar alguns minutos, é logo a seguir àquelas árvores. — Apontou para um maciço de espruces altas.

— Está vazia? — perguntou ele, com uma expressão fugaz de alívio.
— Não vive lá ninguém?

Constance confirmou com um aceno de cabeça.

— Está bem, se tem a certeza. Mas primeiro... — Descalçou as botas, uma de cada vez, e despejou a água antes de se pôr em pé com as botas na mão. O uniforme espesso de piloto agarrava-se-lhe ao corpo e Constance pensou que deveriam parecer um par muito estranho se alguém os visse.

Um ou dois minutos depois, ele perguntou:

— Falta muito para chegar a essa casa?

— Não. — Constance esperava não se ter desviado do caminho. Nunca fizera o caminho até à casa do couteiro durante a noite. Nunca fora preciso.

Por fim, no meio da escuridão da floresta, a casa apareceu. Constance tentou abrir a porta, mas estava trancada.

— Oh, não! — exclamou. — Nem me lembrei de tal coisa.

O piloto apoiou-se na parede e encostou a cabeça para trás.

— Veja debaixo do tapete.

Constance saiu de cima do tapete e levantou-o.

— Sim, aqui está, claro — disse, pegando na chave. — Como é que sabia?

— As pessoas honestas deixam sempre a chave debaixo do tapete. — Ele tinha o rosto virado para cima. No céu, as nuvens afastaram-se e a lua finalmente brilhou, banhando o piloto com a sua luz.

Pela primeira vez desde que o encontrara, Constance conseguia vê-lo bem. Tinha um maxilar forte e era atraente. Não como uma estrela de cinema, embora ela não visse muitos filmes desde o início da guerra. Ali em cima, estavam a quilómetros de coisas empolgantes desse género. Mas era atraente no sentido em que, se Constance o tivesse visto a passar na aldeia, sabia que teria olhado para ele mais do que uma vez.

Ele abriu os olhos e fitava-a. Um pequeno sorriso ergueu-lhe os cantos da boca.

— Vai abrir a porta ou não?

Embaraçada, Constance enfiou a chave na fechadura e rodou a maçaneta. Quando entraram, um cheiro a humidade atingiu-os. A casa estava fechada há cerca de nove meses, desde que o coiteiro, como todos os outros empregados da propriedade com idade para combater, se juntara ao esforço de guerra. A casa dele, a única casa da propriedade que não ficava na aldeia mais próxima, estava fechada desde então, a aguardar o seu regresso.

Constance procurou o candeeiro de parafina em cima de uma mesa baixa e tentou acendê-lo.

— Não — disse o piloto, com um tom cortante.

— Porquê?

— O *blackout* — respondeu ele. Tinha razão. Constance viu que as cortinas corta luz não estavam corridas e, quando as nuvens se deslocaram, o luar entrou pelas janelas. — Deixe estar assim — continuou ele. — Para já. Temos de despir estas roupas molhadas antes que morramos de frio.

Deixou cair as botas no chão, com um baque surdo, mas Constance não baixou os olhos. Fitou-o horrorizada enquanto ele despiu a camisola, a atirava para o chão e começava a desabotoar a camisa molhada. Já abriu pelo menos dois botões, revelando o peito, quando Constance conseguiu desviar o olhar.

— Depressa — ordenou ele. — Dispa esse vestido. Quer adoecer?

— Com certeza que não espera que eu tire o vestido à sua frente. — Constance não conseguiu disfarçar o horror na voz.

— Eu viro-me — sugeriu ele. — Acabei de me despenhar no raio de um lago. Não estou de maneira nenhuma em condições de pensar *nisso*.

Constance corou, chocada por ele mencionar sequer tal coisa. Depois do horrível comportamento de Henry na estufa, estava morta de medo de que voltasse a acontecer, ali, com aquele piloto. De qualquer maneira, o vestido estava tão apertado que não conseguia despi-lo. Tinha a certeza de que a seda ficara completamente colada ao seu corpo por causa da

água. O vestido era fechado atrás com uma longa fila de botões que começava no pescoço e terminava ao fundo das costas.

Ele estava de costas para ela e, ao perceber que ela não se movia, disse:

— Por acaso está a olhar para mim enquanto *eu* me dispo? — O seu tom era jocoso.

— Não! Preciso de ajuda.

Ele virou-se, enrolou a camisa e deixou-a cair no chão. Ao longo dos anos, ela vira muitas vezes os amigos do irmão de tronco nu, quando nadavam no lago, mas ali, naquela sala escura com aquele homem, parecia diferente. Era algo demasiado privado. Ele era diferente dos amigos de Douglas — mais forte, mais alto... simplesmente diferente.

Quando ela permaneceu calada, ele perguntou:

— Precisa de ajuda com o quê?

Constance esquecera-se momentaneamente dos botões. Virou-se e ele começou a desabotoar o vestido molhado, com as mãos a moverem-se suavemente sobre a sua pele até chegar ao fundo. No silêncio, Constance só tinha consciência do movimento das mãos dele.

Quando o vestido ficou aberto sobre as suas costas, ele virou-se de forma galante e ela apercebeu-se de novo do que a rodeava. A casa ficara como se o rapaz que nela vivia tivesse saído apenas por um instante. Tirando a humidade e a poeira, os móveis, ornamentos e livros estavam no sítio onde teriam estado nos últimos anos. O piloto tirou uma manta de tartã das costas de uma velha poltrona e estendeu-a a Constance.

Ela tirou o vestido ensopado e enrolou-se na manta. A roupa interior encharcada era desconfortável e percebeu que teria de a despir também se quisesse aquecer. Embora fosse agosto, o ar dentro da casa de pedra era frio.

— Vou acender a lareira — disse o piloto. Deu a volta à sala e colocou nas janelas as proteções de tecido preto em caixilhos de madeira.

— Ainda tem as calças molhadas — disse Constance. — Veja lá em cima, o coqueiro talvez tenha deixado algumas roupas.

O piloto assentiu com a cabeça e preparou o lume na lareira, formando um tripé com alguns troncos e amachucando umas folhas de jornal

que colocou entre eles. Encontrou fósforos num pote na prateleira por cima da lareira, riscou um na parede e acendeu um pequeno fogo sobre a grelha.

— Aqueça-se enquanto eu vou procurar qualquer coisa — instruiu.

Constance sentou-se no tapete puído em frente da lareira e aconche-gou a manta à sua volta. O fogo fez a sua magia e ela esticou as pernas nuas à frente do corpo e agitou os dedos dos pés enquanto o calor das chamas os aquecia. Estupefacta, pensou em como era possível que estivesse no meio da sua festa de aniversário e, apenas uma hora depois, se encontrasse molhada até aos ossos e sozinha numa casa com um oficial da RAF, cujo avião se despenhara no seu lago. Poucos minutos depois, o piloto desceu as escadas, vestido com um par de calças secas e uma camisola grossa de lã azul.

— Cheiram a naftalina, mas estão secas — disse, e parou ao lado dela com um par de calças de homem e uma camisola branca grossa na mão. Estendeu-lhe as roupas e ela levantou-se e aceitou-as. Agradeceu e subiu as escadas para as vestir. Enrolou o cós das calças, mas eram demasiado grandes e teve de as segurar enquanto descia, com medo de que caíssem.

Constance voltou a sentar-se em frente da lareira e prendeu o cabelo molhado atrás das orelhas. O piloto sentou-se ao lado dela e a luz das chamas banhou-o num brilho alaranjado.

— Como se chama? — perguntou.

Ela disse-lhe.

— E você?

— Matthew.

— O que aconteceu? — perguntou Constance. — Vi-o despenhar-se, foi horrível. Deve ter sido tão assustador para si. Pensei que tinha morrido.

Ele respondeu em voz baixa:

— E pensei que iria morrer. Não via nada. Fartei-me de tentar ligar o motor, mas sabia que não ia conseguir. Em retrospectiva, vejo que deveria ter saltado muito antes, mas pensei que, se conseguisse ligar o motor, ainda poderia salvar o avião, que tinha de tentar mais uma vez, e mais uma vez. Vai contra tudo o que me ensinaram, uma vez que o aparelho

estava completamente destruído. É um milagre ter conseguido pairar como pairou. Cheio de buracos de balas. Eu não fazia ideia de que estava a aterrar num lago. Se a lua estivesse descoberta, teria visto. Foi um choque quando o avião ressaltou e o *cockpit* começou a encher-se de água.

Constance suspirou.

— Imagino.

— Imagina? — perguntou Matthew, arqueando as sobrancelhas. — Já foi alvejada pelo inimigo e deu por si a despenhar-se, sem ideia nenhuma de onde está o chão?

— Não — respondeu Constance, envergonhada.

Um tronco caiu na lareira e uma chuva de faíscas ergueu-se em direção à chaminé.

— Desculpe — disse ele, baixinho. — Deveria agradecer-lhe e, em vez disso, estou a ser abominavelmente rude.

— Não faz mal — retorquiu Constance.

— Claro que faz. A minha mãe daria voltas na campa se soubesse a facilidade com que me esqueci das boas maneiras.

Constance sorriu. Queria dizer outra vez que não fazia mal. Porque é que não conseguia pensar noutra coisa qualquer para dizer?

Ficaram alguns minutos em silêncio, ambos virados para o lume que iluminava a sala escura. Constance perguntou a si própria se alguém daria por falta dela em casa e se o piloto estaria em condições de se pôr a caminho pela floresta a meio da noite. Talvez, tendo em conta aquilo por que passara, fosse melhor esperarem pelo amanhecer antes de saírem dali, para que ninguém a visse com roupas de homem.

— O que vai fazer? — perguntou ele, arrancando-a aos seus pensamentos.

— Fazer? Em relação a quê? — Constance encarou-o.

— Em relação a mim. — Matthew fitou-a. À luz do fogo, viu que ele tinha olhos verde-claros. Nunca vira aquele tom antes. Eram brilhantes e contrastavam de forma curiosa com o cabelo castanho-escuro.

— Bem, pensei que, se preferir, poderíamos ficar aqui e descansar algum tempo, e depois, de manhã...

— Constance, posso confiar em si? — interrompeu ele.

Ela engoliu em seco ao ouvi-lo dizer o seu nome.

— Sim, acho que sim.

Matthew riu-se.

— Bem, se não tem a certeza, como é que eu hei de ter?

— Sim, sim, pode confiar em mim.

— Preciso que me ajude — disse ele. — Preciso que me... esconda. Por pouco tempo, juro. Só o suficiente para eles pensarem que morri. Acha que pode fazer isso?

Constance abriu a boca de espanto. Ele fora tão corajoso. Fora abatido e agora, obviamente, estava perturbado pelo trauma.

— Quem é que quer que pense que você morreu? — perguntou, num tom agudo, incrédula.

— Toda a gente. Todos, sem exceção.

— Mas e... — começou ela. — O seu esquadrão? Não quer que eu telefone a alguém a pedir que venham buscá-lo, que cuidem de si?

— Não, não quero — disse ele. — Esta é a última noite em que participo nesta guerra horrível. E se, para isso, tiver de fingir que morri, é o que farei.

Capítulo 5

Ele perdera o juízo. Só poderia ser isso. Constance não sabia o que dizer. Fitou-o. Ele devolveu o olhar, com uma expressão desconfiada. Como se temesse que ela se levantasse de um salto, fugisse dele e corresse para casa. Ela não achava que precisasse de fugir, mas perguntou-se distraidamente o que aconteceria se tentasse fazê-lo. Ele correria atrás dela e obrigá-la-ia a regressar, agora que ela conhecia as suas intenções de... de quê, exatamente? Era muito mais forte do que ela e, embora, obviamente, ele não estivesse a lidar muito bem com o trauma do acidente, parecia mais do que capaz de a dominar se ela tentasse fugir.

— Porquê? — perguntou Constance. — Porque é que não quer continuar a combater?

— Essa é a pergunta mais estúpida que já ouvi — respondeu ele. — O que acha?

Ela tentou não se sentir ofendida. Olhou para ele e esperou.

— Só um louco pode gostar... de matar — afirmou ele.

Constance pestanejou.

— Ninguém gosta. Mas é a guerra. É o seu dever.

Ele arregalou os olhos.

— O meu dever é abater outros homens? Fazê-los despenharem-se?

— O seu tom de voz era agora mais alto. — Ver os seus aviões caírem depois de os crivar de balas?

Constance pensou por um instante.

— Bem, sim. Lamento muito, mas tem de ser. O meu irmão Douglas é piloto — acrescentou.

— Ainda bem para ele. E ele gosta? De matar?

— Não creio que pense nisso dessa maneira. — O irmão nunca falara sobre o assunto. Constance pensou que talvez devesse perguntar a Douglas, mas não sabia bem o que queria saber. Pensou em Henry, com as suas mãos atrevidas quando estava em terra e, quando estava no ar, com o dedo no gatilho. Algo lhe disse que ele provavelmente gostava.

Com gestos nervosos, Matthew puxou um fio das calças emprestadas.

— Desculpe — disse. — Não deveria ter-lhe pedido que me escondesse. Fiz mal. Não sou responsabilidade sua.

— Não pode... não pode pedir algum tempo de licença, ou coisa do género? — inquiriu ela. — Algum tempo para pensar. Acabou de se despenhar. Não admira que se sinta assim agora. Mas talvez amanhã...

Ele soltou uma risada amarga e optou por não responder. O silêncio tornou-se incómodo.

— Não pode tornar-se objetor de consciência? — sugeriu ela, embora parecesse escandaloso que aquele homem tivesse oportunidade de desempenhar o seu papel na guerra e se recusasse a fazê-lo.

Ele abanou a cabeça.

— Não é assim tão simples.

— A sério? — Constance franziu a testa. — Seria levado a conselho de guerra? Seria considerado um desertor? — Arregalou os olhos, horrorizada. — Poderiam fuzilá-lo?

— Aqui, não. Já não fazem isso.

Ela suspirou, aliviada.

— Então, seria preso?

Ele arrancou o fio das calças e atirou-o para o chão.

— Muito provavelmente.

— Pelo menos, assim, não teria de combater mais — disse Constance, para tentar animá-lo.

— Isso é verdade.

Constance viu as chamas a dançarem e crepitarem. Se voltasse para casa e contasse ao pai o que acontecera, o que é que ele faria? Ofereceria a Matthew comida e uma bebida forte. Depois, telefonaria ao oficial superior do piloto, e este homem, visivelmente abalado, que olhava para

o lume como se nele pudesse encontrar todas as respostas, seria levado dali e enfiado outra vez num avião daí a poucos dias, como era o seu dever. E depois? Seria ele próprio a apontar o avião para o solo da próxima vez? Ocorreu-lhe um pensamento.

— Fez de propósito? — perguntou.

— O quê?

— Despenhar-se.

— Não. Claro que não. — Fitou-a com uma expressão severa. — Não quero matar, mas também não quero morrer.

Constance assentiu.

Ele bocejou.

— Preciso de dormir.

Ela viu-o esticar as pernas à sua frente no chão e encostar a cabeça à poltrona. Fechou os olhos. Constance mordeu o lábio, com relutância em mover-se. Não queria que a noite acabasse assim, com ele a pô-la de lado.

Matthew abriu um olho.

— Consegue voltar para casa às escuras?

— Sim.

Ele abriu os dois olhos.

— Então, deveria ir. A última coisa que quer é ser encontrada comigo. Posso pedir-lhe que faça uma coisa por mim?

Ela fitou-o e esperou.

— Pode guardar segredo? Quanto à minha presença aqui, quero eu dizer. Deixe-me só descansar esta noite.

Ela anuiu com a cabeça.

— Está bem. E depois, o que vai fazer? — perguntou, enquanto se punha de pé, agarrada ao cós das calças emprestadas.

— Vou-me embora — respondeu ele, simplesmente. — Só preciso de descansar algumas horas. Se me deixar passar aqui a noite, parto de manhã. Nunca mais terá de me pôr a vista em cima.

— Para onde irá? — quis ela saber.

Ele encolheu os ombros.

— Ainda não sei. De qualquer maneira, não precisa de se preocupar com isso.

— Tem de se entregar. Não pode fugir, se é isso que está a pensar fazer. Quanto mais tempo adiar esse momento, pior será — recordou-lhe ela. — Se se entregar amanhã, se aparecer como se tivesse apenas parado para descansar durante a noite depois do acidente, não será mentira. Tecnicamente.

Ele sorriu.

— Obrigado pela sua preocupação.

Mas ele iria fazê-lo. Constance sabia-o. O que faria? Para onde iria?

Sentado no chão, ele ergueu os olhos para ela. O seu estado de espírito sombrio pareceu ficar um pouco mais leve.

— Obrigado por ter entrado no lago para me salvar. Foi muito corajosa. E obrigado por me trazer para aqui.

Ela assentiu.

— De nada. — Pousou a mão na porta e virou-se para ele. — Não vou dizer a ninguém que está aqui — prometeu.

Foi a vez de ele anuir.

— Obrigado. Partirei de manhã.

— Boa sorte — disse ela.

— Para si também, Constance.

Tinha a mão no trinco, mas não o abriu. Ele fixou os olhos nos dela, e ela nos dele. Abriu a boca para dizer algo, mas não sabia o quê. Ele observou-a, à espera.

— Onde quer que vá parar, por favor cuide de si. — Abriu a porta e fechou-a devagar atrás de si, saindo para o frio da noite.

Constance caminhou silenciosamente entre as árvores. O regresso a casa deveria demorar cerca de 15 minutos. Na floresta, a temperatura era baixa, e ela ainda tinha o cabelo húmido à volta do pescoço. Por entre as árvores, as águas do lago estavam agora totalmente paradas. Algures nas suas profundezas, havia um *Spitfire* que, poucas horas antes, não estava lá. Subiu os degraus de pedra do jardim e entrou sem fazer barulho pela porta da biblioteca, que ficara destrancada. Talvez porque o pai, que estava a dormir no sofá, de fato vestido, não a fechara porque ainda não se fora deitar. Um charuto fumegava num cinzeiro de prata em cima da mesinha baixa. Constance apagou-o. Com receio de que ele acordasse

e a visse com roupas de homem, saiu pé ante pé para o corredor escuro, subiu as escadas e dirigiu-se em silêncio para o quarto.

Deitou-se na cama, mas não conseguia adormecer. Não conseguia sequer pensar em dormir. Em vez disso, a sua mente regressou à casa no bosque, ao piloto. Estaria ele a dormir? E se estivesse acordado, em que estaria a pensar? Deveria estar a avaliar as suas opções. Oh, que homem tão estúpido. Que iria acontecer-lhe? Agora, Constance desejava não ter saído assim. Poderia ter-se esforçado mais para o convencer, para o fazer compreender que fugir, desertar, não era solução. Desejou também ter sido mais compreensiva. O homem acabara de se despenhar com o avião. Como poderia saber o que ele sentia? Ela não tinha qualquer papel na guerra, por mais que isso a aborrecesse, por mais desesperada que estivesse por se libertar dos limites de Invermoray e fazer alguma coisa útil. Ele, por outro lado, estava a participar ativamente. Lutava contra o inimigo todos os dias e acabara de se despenhar num acidente horrível, quase se afogara. Como poderia ela saber que estado de espírito seria aceitável nestas circunstâncias? Ele só precisava de tempo para pensar e ela praticamente dissera-lhe que se recusava a ajudá-lo. Estava furiosa consigo própria. Não fazia ideia de como era a guerra, na verdade, ali presa sem nada para fazer. Deveria ter sido mais compreensiva.

Quando a alvorada chegou, Constance afastou as pesadas cortinas de veludo que tapavam as janelas do quarto. A luz entrou através da fita adesiva que cruzava as grandes vidraças desde que a guerra fora declarada, um ano antes. A governanta fora diligente, mas Constance não acreditava muito que os alemães achassem que Invermoray era um alvo de interesse. A base em Kinloss e os navios em Lossiemouth eram muito mais importantes, com certeza. Apoiou a mão no vidro frio e olhou para o lago, por entre as árvores, na direção da casa do couteiro. Em vão, pois não conseguia vê-la dali. O sol ergueu-se lentamente sobre as montanhas à distância, anunciando a manhã e fazendo cintilar a água do lago. Ele partiria em breve. Talvez até já tivesse partido.

Sentiu o estômago apertado pelo sentimento de culpa. Não acreditava no que fizera. Não conseguia encarar o facto de que abandonara aquele homem. Ele não tinha ninguém que o ajudasse. E pedira a ajuda

dela. Não comera nem bebera nada. A água na casa do couteiro estaria cortada? Ele poderia estar em estado de choque. Não estava a raciocinar. Provavelmente esperava que ela voltasse e se oferecesse para ligar ao esquadrão e pedir que viessem buscá-lo. E mesmo que não tivesse mudado de ideias, combatia nos céus sobre Inglaterra há tanto tempo que isso o afetara, a ponto de pensar em desertar. Era evidente que estava traumatizado. Tinha de o ajudar.

Constance escovou o cabelo embaraçado, que cheirava a humidade e à água do lago, enfiou as primeiras roupas que lhe vieram à mão — uma blusa e uma saia tiradas à pressa do roupeiro — e calçou os sapatos castanhos de atacadores. Tentou prender o cabelo enquanto descia as escadas, dois degraus de cada vez, mas sem grande sucesso.

Ao fundo das escadas, ouviu a porta do quarto do pai abrir-se. Olhou rapidamente para cima, na direção do som. Ele devia ter ido deitar-se depois de ela chegar e estava agora a preparar-se para começar o dia. O resto da família e dos empregados também deveriam estar quase a levantar-se, se é que não estavam já em atividade. Constance moveu-se mais depressa, com medo de ser vista. Como explicaria onde ia, e porquê? Ao lado da casa, virou para o caminho que contornava o jardim formal. Demoraria mais tempo a chegar à casa do couteiro, mas havia menos hipóteses de ser vista. Evitou a margem do lago, caminhando entre as árvores. Quando já não podia ser vista da casa, fez o resto do caminho a correr, com os fetos a estalarem-lhe debaixo dos pés enquanto acelerava pelo bosque.

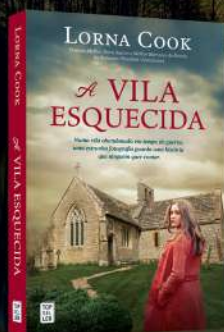
Ele poderia já lá não estar. Que horas seriam? Não trouxera o relógio. Cinco da manhã? Quando chegou à casa do couteiro, Constance quase colidiu com a porta de madeira, tal a velocidade a que ia. Ofegante, levantou o trinco, empurrou a porta e irrompeu pela casa adentro.

Um misterioso acidente traz repercussões imprevísíveis à vida de uma família.

Escócia, 1940: Apesar da guerra que assola a Europa, a Casa de Invermoray, nas Terras Altas, parece estar tranquila. Até à noite do 21.º aniversário de Constance, quando um *Spitfire* se despenha no lago da propriedade e ela é a única testemunha. Cansada da sua vida enfadonha, a missão de tentar salvar o piloto é a aventura por que Constance há muito ansiava, mas a promessa de manter aquele homem escondido poderá sair-lhe muito cara.

Presente: Kate chega a Invermoray para transformar a casa senhorial numa luxuosa pousada, mas cedo se apercebe de que a propriedade alberga mais problemas do que ela imaginara e que James, o filho da proprietária, parece muito contrariado com a sua presença. Apesar das circunstâncias difíceis, Kate não desiste do seu projeto inicial e, ao consultar documentos antigos, descobre que a casa esconde uma história sombria, com o nome de Constance McLay misteriosamente riscado dos registos familiares. Perante tal descoberta, Kate decide que não poderá partir sem saber o que aconteceu a Constance décadas antes.

Da mesma autora:



«Ninguém cria momentos de suspense como Lorna Cook.»

Laura Jane Williams,
autora de *À Nossa Hora*

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-678-4



9 789895 646784

Romance Histórico